

05

MACHISMO ESTRUTURAL E A CULTURA DO CANCELAMENTO: vivências homoafetivas em um ciberespaço

STRUCTURAL SEXISM AND
CANCEL CULTURE: homoaffective
experiences in cyberspace Helton
Rafael Ferreira do Nascimento

Helton Rafael Ferreira do Nascimento

Doutorando em Ciência da Informação (PPGCI/UFPE)

E-mail: elton.chapions@gmail.com





Resumo

Esta investigação busca responder à seguinte pergunta norteadora: como a masculinidade tóxica opera como dispositivo regulador das subjetividades nos ambientes digitais, orientando práticas de bloqueio, silenciamento e cancelamento nas interações homoafetivas? O objetivo consiste em desenvolver um diálogo teórico transversal, ancorado em revisão de literatura e experiências autobiográficas acerca das reverberações da masculinidade tóxica na cultura do cancelamento em contextos digitais. Quanto a metodologia, fora aplicada uma de revisão de literatura de caráter exploratório-descritivo e abordagem autobiográfica. Concluímos que a masculinidade tóxica atua como dispositivo estruturante das interações online, especialmente em relações homoafetivas masculinas, onde a cultura do cancelamento age como uma reatualização simbólica do machismo estrutural em dinâmicas digitais.

Palavras-chave: Ciberespaços; Cultura do cancelamento; Masculinidade tóxica.

Abstract

This research seeks to answer the following guiding question: how does toxic masculinity operate as a regulatory device of subjectivities in digital environments, guiding practices of blocking, silencing, and canceling in same-sex

interactions? The objective is to develop a transversal theoretical dialogue, anchored in a literature review and autobiographical experiences regarding the reverberations of toxic masculinity in cancel culture in digital contexts. Regarding methodology, an exploratory-descriptive literature review with an autobiographical approach was applied. We conclude that toxic masculinity acts as a structuring device in online interactions, especially in male same-sex relationships, where cancel culture acts as a symbolic re-actualization of structural machismo in digital dynamics.

Key-words: Cancel Culture; Cyberspaces; Toxic Masculinity.

1 INTRODUÇÃO

O machismo estrutural tem sido amplamente analisado na literatura como um sistema de práticas e representações que, para além de produzir violências físicas, psicológicas e simbólicas contra as mulheres — tais como assédio, agressões, olhares objetificadores, sexismo e feminicídio — também opera como um dispositivo normativo que incide sobre corpos masculinos.

Esse dispositivo exige a conformidade a uma performance heteronormativa e corponormativa, que se expressa de modo particular em contextos culturais marcados pela

repressão afetiva enquanto critério de validação da masculinidade, pela competitividade expressa nas disputas entre “certo e errado” ou “ganhar e perder”, pela objetificação dos corpos e pela centralidade da virilidade materializada na força física (Castañeda; Luna, 2025).

Com efeito, este artigo propõe uma revisão crítica da literatura a fim de compreender como o machismo estrutural — em diferentes contextos regionais e culturais — opera como força reguladora das subjetividades e repressora dos afetos masculinos, inclusive em relações homoafetivas. A relevância deste estudo reside nas lacunas metodológicas e conceituais ainda presentes na literatura nacional, o que justifica a necessidade de novas abordagens.

A investigação fundamenta-se teoricamente em autores seminais como Michel Foucault, Hannah Arendt, Judith Butler, Zygmunt Bauman e Paula Sibilia, cujas obras oferecem um arcabouço sólido e atemporal para analisar os mecanismos simbólicos, sociais e discursivos que sustentam a masculinidade tóxica como estrutura normativa. Esses referenciais fornecem categorias analíticas potentes para problematizar dimensões como controle social, dominação simbólica, normatividade heterocentrada, repressão emocional, exclusão de sujeitos desviantes e liquidez dos vínculos afetivos no mundo contemporâneo, centrais à proposta desta pesquisa.

Destarte, esta investigação busca responder à seguinte pergunta: como a masculinidade tóxica opera como dispositivo regulador das subjetividades nos ambientes digitais, orientando práticas de bloqueio, silenciamento e cancelamento nas interações homoafetivas? Nesse escopo, o objetivo do artigo é estabelecer um diálogo teórico de caráter transversal, ancorado em revisão de literatura contemporânea, sobre as reverberações da masculinidade tóxica na cultura do cancelamento nos ciberespaços. Propõe-se investigar de que modo a liquidez amorosa, a hiper-exposição digital e a banalidade do mal, articuladas a processos subjetivos intrínsecos, podem explicar a materialidade do cancelamento em relações homoafetivas masculinas. Assim, busca-se oferecer não apenas uma contribuição localizada, mas uma visão transversal e emergente, capaz de evidenciar as implicações sociais, culturais e subjetivas do fenômeno.

A análise se estrutura em duas partes: na primeira, apresenta-se uma revisão sistematizada da literatura realizada no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir do descritor “masculinidade tóxica”. A busca resultou em 30 artigos publicados entre 2019 e 2024, dos quais apenas 13 abordaram o conceito de forma direta em seus títulos, sinalizando sua presença ainda restrita, embora crescente, no debate acadêmico brasileiro. Na segunda parte, são mobilizadas

escrevivências pessoais em ciberespaços de interação, tensionadas com o aporte teórico adotado, a fim de revelar como práticas de bloqueio, silenciamento e descarte funcionam como reatualizações digitais de hierarquias de gênero e poder.

A partir deste estudo, foi possível concluir que a masculinidade tóxica atua como dispositivo estruturante das interações online, especialmente em relações homoafetivas masculinas, onde a cultura do cancelamento, não deve ser compreendida como prática superficial, mas como reatualização simbólica do machismo estrutural em dinâmicas digitais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Dispositivos de poder, performatividade e masculinidade tóxica

O objetivo desta seção é apresentar uma análise crítica e articulada das contribuições de Michel Foucault (1975; 2012) e Judith Butler (1990) sobre a construção de gênero, sexo e sexualidade, examinando como esses processos discursivos e performativos reverberam na manutenção do machismo estrutural e na constituição da masculinidade tóxica.

Michel Foucault (1975; 2012) propõe uma crítica incisiva às formas pelas quais o poder atua não apenas por representação, mas também por meio da produção de saberes, corpos

e subjetividades. Em sua análise, a sexualidade constitui-se como um dispositivo histórico que articula técnicas de saber-poder e produz regimes de verdade, estabelecendo fronteiras sobre o que pode ser dito, vivido ou sentido em determinado contexto histórico e cultural. Esse dispositivo se intensifica na modernidade ocidental, quando o sexo passa a ser regulado, confessado, monitorado e cientificado, sobretudo nos corpos masculinos, normalizados a partir de uma matriz heterossexual compulsória.

Nesse cenário, a homossexualidade deixa de ser compreendida apenas como prática e passa a ser identificada como uma identidade vigiada, patologizada e amplamente explicada por discursos médicos, jurídicos e religiosos. O homem homoafetivo é capturado por um complexo jogo de visibilidade e controle, sendo interpelado por normas cis-heteronormativas e patriarcais que estruturam sua experiência afetiva. Corrêa (2020), evidencia que a masculinidade tóxica não se limita à imposição de dominação; trata-se também de um processo histórico-discursivo de subjetivação, que regula afetos, silencia desejos e institui hierarquias ontológicas.

Essa perspectiva permite compreender como, especialmente em contextos regionais conservadores, homens homoafetivos internalizam repressões afetivas como estratégias de sobrevivência simbólica. Nesse quadro, a

masculinidade tóxica emerge não apenas pela imposição do silêncio, mas por sua naturalização como virtude moral, vinculando contenção emocional e recusa da vulnerabilidade à honra e ao poder.

Assim, a masculinidade tóxica — enquanto ramificação do machismo estrutural — não se perpetua apenas por coerção explícita, mas também pelo consentimento inconsciente, reproduzido na linguagem, nos gestos e nas expectativas familiares e sociais. Ela demanda uma performance contínua de invulnerabilidade, racionalidade e autocontrole, negando expressões emocionais como fragilidade, afeto ou desejo homoafetivo.

Em territórios marcados por valores tradicionalistas — como áreas interioranas, urbanas periféricas ou contextos socioculturais fortemente conservadores —, condutas heteronormativas tendem a adquirir maior rigidez. O artigo de Fulano evidencia essa dinâmica ao mostrar que quase algumas de regiões da Polônia se autodeclararam “zonas livres de LGBT”, aprovando resoluções de caráter conservador que desumanizam e marginalizam pessoas LGBTQIA+. Esse exemplo pode servir de ilustração para refletirmos como dispositivos de poder (heteronormativos), se intensificam quando legitimados por instituições como escola, comunidade, igreja, família e meios de comunicação,

que operam como vetores de reprodução e naturalização das hierarquias de gênero e sexualidade.

Nesse campo simbólico, a homossexualidade é percebida como ameaça à ordem viril, sofrendo dupla interdição: exclusão pública e culpabilização moral (Madlener; Diniz, 2007). Nessa perspectiva, a masculinidade tóxica opera como instrumento de poder que estrutura um campo simbólico no qual o amor entre homens é frequentemente interditado, invisibilizado ou performado sob máscaras de dureza e negação, conforme a articulação entre Foucault e Bourdieu.

As reflexões de Judith Butler (1990) aprofundam e tensionam esse debate ao propor que o gênero é performativo: não uma essência inata, mas um efeito produzido pela repetição de normas culturais que buscam coerência entre sexo, gênero e desejo. Assim como Foucault, Butler entende que a identidade de gênero é produzida por práticas sociais e discursivas; contudo, ela enfatiza que essa produção se sustenta pela reiteração constante de performances normativas. Nas palavras da autora, “o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (Butler, 2018, p. 33).

Esse deslocamento teórico questiona a ideia de identidades de gênero fixas ou autênticas. Butler (1990) demonstra que tais categorias resultam de práticas reguladoras que

naturalizam convenções culturais, impondo coerência normativa e sancionando qualquer ruptura. A performatividade, nesse sentido, não é um ato singular ou voluntário, mas uma prática reiterativa e citacional que produz efeitos materiais sobre o corpo (Butler, 2019). Aqui, a análise butleriana converge com a de Foucault ao indicar que o corpo não é um dado natural pré-existente sobre o qual o gênero é inscrito; ao contrário, ele se materializa segundo normas regulatórias históricas e culturais. Essa constatação problematiza a distinção convencional entre sexo e gênero: não se trata de categorias separadas, mas de construções interdependentes, sustentadas por práticas repetitivas e mecanismos de poder historicamente situados.

A reflexão de Butler (1990; 2018), dialoga diretamente com a noção foucaultiana de subjetivação: o mesmo processo que produz o sujeito como inteligível também o condena à invisibilidade quando suas performances escapam à norma. O amor que não pode ser vivido é recalcado, permanecendo como ausência e dor silenciosa. Para homens homoafetivos em contextos rigidamente normativos, essa melancolia social funciona como memória corporal do desejo interdito, perpetuando o conflito entre o ser e o dever-ser, entre desejo e medo, entre afeto e silenciamento.

Do exposto acima, podemos vislumbrar que a masculinidade tóxica homoafetiva emerge de uma engrenagem

complexa: de um lado, dispositivos históricos de poder-saber que moldam corpos e subjetividades; de outro, a repetição performativa de normas que reforçam a dominação, materializando-a no corpo e nos afetos. — Resistir a essa lógica exige não apenas romper com estruturas institucionais e discursos normativos, mas também reinventar, no cotidiano, formas de viver e expressar afetos, subvertendo simultaneamente o poder que produz e o poder que reitera.

3. LIQUIDEZ, HIPEREXPOSIÇÃO, BANALIDADE E CANCELAMENTO

O objetivo desta seção é desenvolver uma análise crítica e articulada sobre a cultura do cancelamento em interações homoafetivas nos ciberespaços, compreendendo-a como desdobramento do machismo estrutural e da masculinidade tóxica, a partir de três perspectivas teóricas interligadas. Na primeira dimensão, adota-se a concepção de relações sociais líquidas, proposta por Zygmunt Bauman (2007), para examinar como os vínculos — especialmente nos ambientes digitais — são marcados pela efemeridade e pela instabilidade afetiva.

A modernidade líquida, caracterizada pela obsolescência acelerada de experiências e relações, torna a solidez das conexões humanas quase utópica, instaurando uma lógica de constante substituição e descartabilidade. Como observa

Bauman (2007), “numa sociedade moderna, as ações inibidoras não podem solidificar-se em posse permanente porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades”. Nesse contexto, os afetos são atravessados por insegurança e substituibilidade, e o amor romântico perde força frente à lógica de consumo afetivo, orientada por “finais rápidos e indolores”.

Na segunda dimensão, dialoga-se com Paula Sibilia (2008) e sua análise da hiperexposição nos ciberespaços como condição de ser e existir no mundo contemporâneo. A performance incessante, voltada para atender expectativas normativas e alcançar padrões inalcançáveis, gera ciclos de validação e descarte que não apenas reforçam ansiedades e adoecimentos psíquicos, mas também intensificam o controle social sobre corpos e afetos — inclusive homoafetivos. Sibilia observa que, em uma sociedade fascinada pela visibilidade e pela espetacularização, a subjetividade interiorizada cede lugar a formas de autoconstrução voltadas para o olhar alheio, muitas vezes ancoradas em “bioidentidades” moldadas para responder às demandas socioculturais vigentes.

Por fim, recorre-se à leitura de Hannah Arendt (1999) sobre a banalidade do mal — entendida não como mal radical, mas como práticas nocivas e excludentes naturalizadas — para compreender como normas sociais estruturais

punem sujeitos e comportamentos desviantes por meio de agressões simbólicas, como exclusão, bloqueio, difamação ou censura digital. A banalidade do mal, nesse sentido, revela-se na institucionalização e na legitimação social de tais práticas, evidenciando que a violência moral e simbólica não depende necessariamente de intenção maligna explícita, mas de adesão acrítica a padrões normativos excludentes.

Complementando essa leitura, Bitencourt (2021) demonstra que, embora práticas de linchamento moral e exclusão social sempre tenham existido, sua transposição para as redes digitais potencializou seu alcance e velocidade, transformando-as em um “acerto público de contas” e em um mecanismo de coerção social pautado pela moralidade de grupo. O cancelamento, nesse cenário, se apresenta como suposta defesa do “bem comum”, mas frequentemente opera de modo punitivo e arbitrário, consolidando hierarquias morais e reproduzindo exclusões.

Assim, ao articular Arendt (1999), Bauman (2007) e Sibilia (2008), podemos observar que a cultura do cancelamento nas interações homoafetivas não pode ser reduzida a uma simples reação moral a condutas desviantes. Ela está imersa em dinâmicas mais amplas de liquidez afetiva, hiperexposição performática e naturalização de práticas punitivas, que moldam afetos e subjetividades em um ambiente de vigilância difusa, tanto externa quanto autoimposta. Resistir a essa

lógica implica não apenas contestar normas explícitas, mas também desvelar e problematizar as agressões cotidianas que, sob o verniz da moralidade, perpetuam exclusões e silenciam experiências dissidentes.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma metodologia de revisão de literatura de caráter exploratório-descritivo e abordagem autobiográfica, com a finalidade de mapear como o conceito de masculinidade tóxica tem sido mobilizado na produção científica brasileira recente, articulando esse levantamento às experiências e vivências do autor. O propósito central consiste não apenas em identificar tendências, lacunas e enfoques predominantes, mas também em fornecer subsídios para sustentar a hipótese de que a produção acadêmica nacional ainda carece de investigações empíricas robustas sobre a masculinidade tóxica enquanto dispositivo de silenciamento e de regulação de condutas que se desviam dos padrões heteronormativos impostos pelo machismo estrutural.

4.1 Apresentação do *Corpus*

O recorte a seguir apresenta como a literatura brasileira tem discutido a questão da masculinidade tóxica. O objetivo é evidenciar de que maneira essa discussão tem se configurado no contexto acadêmico recente. Para tanto,

realizou-se uma busca no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando a palavra-chave “masculinidade tóxica”. Essa busca resultou em um total de 30 artigos publicados entre 2019 e 2024.

Como critério de inclusão, foram selecionados apenas os estudos que mencionavam explicitamente o conceito de masculinidade tóxica em seus títulos, assegurando alinhamento direto com o foco temático desta investigação. Tal estratégia teve como objetivo garantir que os trabalhos analisados tratassem a masculinidade tóxica como objeto central, e não apenas de forma tangencial.

O corpus final foi composto por 13 artigos científicos, listados no Quadro 1, que serviram de base para a análise crítica e a fundamentação teórica deste estudo. Os textos foram lidos na íntegra, categorizados tematicamente e interpretados à luz do referencial teórico adotado, de modo a revelar como os discursos acadêmicos têm abordado os efeitos sociais, culturais e subjetivos da masculinidade tóxica no Brasil contemporâneo.

Quadro 1: Recortes de artigos científicos analisados que tratam da masculinidade tóxica.

Títulos	Autores	Ano	Links de acesso
Conservadorismo e masculinidade tóxica na cultura gamer: uma aproximação a Magic: The Gathering	Falcão, T.; Macedo, T.; Kurtz, G.	2021	https://revistas.usp.br/matri- zes/article/view/174671
A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública	Casadei, E. B.; Kudeken, V. S. F. S.	2020	https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2094
Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da psicologia positivista	De Paula, R. C. M.; Rocha, F. N.	2019	https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835
A “Masculinidade Tóxica” em Questão: Uma Perspectiva Psicanalítica	Mesquita, Y. M.; Corrêa, H. C. S.	2021	https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e10936
Debate teórico em torno da construção do cabra-macho e da masculinidade tóxica	Nascimento, T. O.	2024	https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17102
Masculinidade Tóxica e saúde mental na tragédia “Héracles” de Erípides	Silva, G. S.; Kibuuka, B. G. L.	2022	https://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/11126
O que é (e o que não é) ser homem? Masculinidade tóxica, cultura visual e educação para e sobre crianças	Pereira, M. V. N.; Baliscei, J. P.	2023	https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/54183
Desemaranhando estereótipos de gênero na cultura visual: o curta-metragem Purl (2019) e dissidências à Masculinidade Tóxica	Pereira, M. V. N.; Baliscei, J. P.	2023	https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22954
Enfrentar o vírus como homem e não como moleque: Quando a masculinidade tóxica se torna genocida.	Brito, L. T.	2022	https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/62923
O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental	Oliveira, F. A.; Santos, N. D. J.	2022	https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/26319
Ao sul do corpo: abordagens não hegemônicas que abalam a masculinidade tóxica vigente	Leite-Filho, V. P. N.; Freitas, G. P.	2020	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/12144
Da “masculinidade tóxica” ao “homem desconstruído”: humor de gênero e consumo de ativismos na série Homens?	Casadei, E. B.; Scabin, N. L.	2021	https://www.academia.edu/91029357/Da_masculinidade_tóxica_ao_homem_desconstruído_#loswp-work-container
Uma abordagem sobre a masculinidade tóxica em uma escola do bairro da Terra-Firme em Belém/PA	Pereira, G. C. et al.	2020	https://periodicos.ufpa.br/index.php/conexoesdesaberes/article/view/10000

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

A análise do corpus evidencia que a discussão sobre masculinidade tóxica ainda é relativamente recente e incipiente, especialmente diante da complexidade estrutural do machismo. A presença limitada de estudos com foco direto no tema revela lacunas significativas na consolidação teórica e empírica dessa categoria analítica.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta autobiografia articula-se com o conceito de escrituras vivências (Evaristo, 2017), entendidas como narrativas que transformam experiências pessoais em testemunhos político-sociais. Assim, esta abordagem não segue rigidamente protocolos metodológicos, mas mobiliza o potencial crítico de conectar vivência, memória e reflexão teórica.

O objetivo não é a coleta sistemática de dados, mas a descrição e reflexão sobre episódios afetivos autobiográfico vivenciados em ciberespaços de encontros casuais, tencionando-os à luz de perspectivas sobre machismo estrutural e masculinidade tóxica, especialmente em contextos homoafetivos. Busca-se evidenciar como práticas de bloqueio e descarte digital reproduzem padrões históricos de exclusão e manutenção de hierarquias de poder, mesmo sem violência física direta.

Cena 1 – O filtro e o bloqueio

Relato: Em uma conversa casual num aplicativo de relacionamento, um sujeito que eu estava conhecendo comentou sobre o uso de filtros nas minhas fotos, perguntando se eu tinha “problema com minha imagem”. Respondi que me sentia performatizado de acordo com a lógica da cibercultura. Ele reagiu com certo incômodo, ressaltando que suas fotos “não tinham filtro”. Repliquei que, para mim, o essencial não era a presença ou ausência de edição, mas o caráter — algo que se revela para além de qualquer imagem. Poucos minutos depois, fui bloqueado.

Reflexão teórica: Butler (1990), toda apresentação de si é performativa: mobiliza signos e códigos culturais que compõem identidades. Ao deslocar a conversa da estética para a ética, a interação tocou na fragilidade de um ego moldado pela competitividade masculina. Nesse sentido, o bloqueio funcionou como um ato de exclusão simbólica, reforçando a lógica de que a divergência estética é motivo suficiente para interromper o diálogo.

Cena 2 – O afeto condicionado

Relato: Num aplicativo de relacionamento, o sujeito no qual eu estava interagindo se apresentou como alguém sensível, solícito e disponível. Disse estudar psicologia, viver sozinho e sem família por perto. Relatou uma doença grave

que o manteve hospitalizado por três anos e o afastou de todos. Mencionou seu aniversário próximo e expressou o desejo de que eu fosse “a única presença importante” nesse dia. No meio de uma ligação, entre relatos de sofrimento e promessas de afeto, solicitou um pix para alugar um local onde comemoraríamos juntos seu aniversário. Recusei, propondo uma videochamada. Ele perguntou se eu “ligava para aparência”. Respondi que não. A partir daí, o silêncio: nenhuma resposta às minhas mensagens até então.

Reflexão teórica: Esse episódio evidencia o que entendo de performatividade afetiva condicionada: um cuidado inicial que se revela instrumento de controle, com afeto convertido em moeda de troca. Foucault (1975) nos lembra que o poder opera de modo capilar, e aqui ele se manifesta na imposição de condições para a continuidade do vínculo. A recusa à demanda estabeleceu uma ruptura que naturaliza o descarte como resposta legítima.

Cena 3 – O limite invertido

Relato: Num aplicativo de relacionamento, conheci um sujeito de uma cidade próxima. Atencioso no início, sugeriu que eu investisse profissionalmente na cidade onde vivo, mesmo após eu afirmar que meus objetivos pessoais e profissionais iam além desse espaço. Durante nossos diálogos, com frequência, pedia que eu enviasse fotos de nudes meus

— prática que, para mim, é íntima e não negociável. Ao negar, ele me escreveu que ele havia perdido o interesse em mim porque eu “demandava muita atenção”.

Reflexão teórica: A insistência por algo já negado é um exercício de poder que testa limites e avalia a possibilidade de submissão. Quando esse limite é mantido, ocorre a reversão da responsabilidade afetiva: a recusa é reinterpretada como “excesso de demanda”, deslocando a culpa para quem preserva sua autonomia. Nesse caso, a lógica do descarte rápido funciona como punição pela não conformidade às expectativas masculinas.

Do exposto, as três cenas, embora distintas, revelam padrões convergentes: 1) Condicionalidade das interações: o vínculo é sustentado enquanto o outro cumpre um papel esperado, seja estético, sexual ou emocional. 2) Persistência como dominação: insistir em demandas não consentidas até testar o limite do outro. 3) Descarte como punição: a recusa implica na retirada abrupta de atenção e afeto.

Por conseguinte, podemos observar que, no plano coletivo, as condutas apresentadas no recorte acima, são intensificadas pela lógica algorítmica dos aplicativos (cibercultura), nos quais a abundância de perfis reduz a necessidade de negociação e reforça uma cultura de substituição imediata. Como argumenta Sibilia (2008), a hipervisibilidade do corpo no ambiente digital converte

a subjetividade em mercadoria, estimulando processos de objetificação e o consumo acelerado das interações humanas. Nesse sentido, a reflexão de Arendt (1963) sobre a banalidade do mal ilumina o fenômeno contemporâneo do bloqueio e do descarte como formas aparentemente triviais de exclusão — práticas que, embora naturalizadas, produzem efeitos profundamente desumanizantes.

Destarte, considerando a pergunta norteadora desta pesquisa — como a masculinidade tóxica opera como dispositivo regulador das subjetividades nos ambientes digitais, orientando práticas de bloqueio, silenciamento e cancelamento nas interações homoafetivas? — os resultados evidenciam que a masculinidade tóxica atua como dispositivo estruturante das dinâmicas relacionais online, sobretudo em interações homoafetivas masculinas. A chamada “cultura do cancelamento”, nesse contexto, não deve ser compreendida como prática superficial ou meramente circunstancial, mas como uma reatualização simbólica do machismo estrutural mediada pelas plataformas digitais e por suas arquiteturas de interação.

CONCLUSÃO

Com base no objetivo proposto – estabelecer um diálogo teórico de caráter transversal, ancorado em revisão de literatura contemporânea, sobre as reverberações da

masculinidade tóxica na cultura do cancelamento nos ciberespaços – e nos dados analisados, esta investigação possibilitou desenvolver um diálogo teórico transversal, ancorado em revisão de literatura, acerca das reverberações da masculinidade tóxica na cultura do cancelamento em contextos digitais. tóxica como um dispositivo estruturante das interações nos ciberespaços, especialmente em relações homoafetivas masculinas.

A revisão de literatura evidenciou que a produção acadêmica brasileira sobre o tema ainda é incipiente e fragmentada, o que reforça a necessidade de abordagens críticas que problematizem de que modo esse constructo opera tanto na manutenção do machismo estrutural quanto na regulação subjetiva dos afetos e condutas. As escrivências mobilizadas no estudo revelaram que práticas aparentemente banais — como bloqueios, silenciamentos e descartes digitais — assumem materialidade enquanto formas de exclusão que reatualizam hierarquias de gênero e poder, demonstrando que a masculinidade tóxica funciona como matriz de performatividades capaz de condicionar o afeto, converter o desejo em moeda de troca e legitimar o descarte como punição pela não conformidade às expectativas hegemônicas.

Acerca das limitações deste estudo, a opção pela revisão de literatura, ainda que pertinente ao escopo da

investigação, circunscreve o estudo ao plano interpretativo, não permitindo a apreensão empírica das práticas cotidianas que se desenrolam nos ciberespaços. Contudo, este estudo oferece contribuições relevantes ao estado da arte ao consolidar a masculinidade tóxica como categoria analítica estratégica para a compreensão das dinâmicas de exclusão e da violência simbólica em ambientes digitais, com especial ênfase nas interações homoafetivas masculinas.

O mapeamento realizado demonstra que, embora o conceito venha ganhando espaço nos últimos anos, sua exploração ainda carece de abordagens interdisciplinares capazes de articular gênero, afetividade, subjetividade e tecnologia. Nesse sentido, o estudo desloca a masculinidade tóxica de uma dimensão meramente descritiva, centrada em sintomas e efeitos, para uma dimensão explicativa, em que práticas como bloqueio, silenciamento e descarte são compreendidas como materializações do machismo estrutural em novas arenas de sociabilidade. Ao integrar referenciais de Bauman (2007), Sibilia (2008), Arendt (1999), Butler (1990; 2018) e Foucault (1975; 2012), o trabalho contribui para a consolidação de um paradigma transversal e crítico, conectando teorias da modernidade líquida, da performatividade e da biopolítica às dinâmicas emergentes da cibercultura.

Para aprofundar a consolidação do campo, recomenda-se que novas pesquisas avancem em três frentes

complementares: a primeira, de caráter empírico, por meio de estudos etnográficos ou netnográficos em aplicativos de relacionamento, capazes de captar práticas discursivas e interacionais que evidenciem a atuação da masculinidade tóxica na vida cotidiana digital; a segunda, de caráter comparativo, voltada a examinar como a masculinidade tóxica se manifesta em diferentes contextos de orientação sexual, faixas etárias, recortes raciais e de classe, a fim de identificar semelhanças e especificidades; e a terceira, de caráter paradigmático, destinada a desenvolver modelos teóricos que articulem gênero e cibercultura não apenas como dimensões correlatas, mas como campos mutuamente constitutivos, situando a masculinidade tóxica enquanto tecnologia social de poder em constante adaptação às novas formas de sociabilidade online.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, R. N. Moralidade Líquida, Lacração e Cultura do Cancelamento. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 11, n. 27, 18 Nov 2021 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17977>. Acesso em: 15 ago 2025.

BRITO, L. T. “ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE”: QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA. *Revista Docência e Cibercultura*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 150–162, 2022. DOI: 10.12957/redoc.2022.62923. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/62923>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CASADEI, E. B.; KUDEKEN, V. S. F. S. A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública: estratégias de convocação dos homens em campanhas do SUS. *RECIIS*, [S. l.], v. 14, n. 4, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v14i4.2094. Disponível em: <https://www.recis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2094>. Acesso em: 27 nov. 2025.

CASADEI, E. B.; KUDEKEN, V. S. F. S.; SCABIN, N. L. C. Da “masculinidade tóxica” ao “homem desconstruído”: humor de gênero e consumo de ativismos na série Homens?. **Razón y Palabra**, v. 25, n. 111, 2021.

CASTAÑEDA, G. G.; LUNA, I. C. A Reading of Sexist Violence as Structural Violence. **Hypatia**, p. 1-15, 2025.

CORRÊA, L. F. **A construção de masculinidade tóxica em revistas masculinas no Brasil**. 2020.

DE PAULA, R. C. M.; DA ROCHA, F. N. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.

FALCÃO, T.; MACEDO, T.; KURTZ, G. Conservadorismo e masculinidade tóxica na cultura gamer: uma aproximação a Magic: The Gathering. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, p. 251-277, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i2p251-277. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/174671..> Acesso em: 27 nov. 2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

LEITE-FILHO, V. DE P. N. L.; FREITAS, G. P. DE. Ao sul do corpo: abordagens não hegemônicas que abalam a masculinidade tóxica vigente. **Esferas**, n. 18, p. 180, 23 nov. 2020.

MADLENER, F.; DINIS, N. F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF, v. 19, p. 49-60, 2007.

MESQUITA, Y. M.; SILVA, Hevellyn C. C.. A “Masculinidade Tóxica” em Questão: Uma Perspectiva Psicanalítica. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. Publicado online: 24/03/2021, 2021. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21i1.e10936. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e10936>. Acesso em: 27 nov. 2025.

NASCIMENTO, T., O. . DEBATE TEÓRICO EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DO CABRA-MACHO E DA MASCULINIDADE TÓXICA. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 524–548, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17102. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17102>. Acesso em: 27 nov. 2025.

OLIVEIRA, F. A.; SANTOS, N. J. O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 136–147, 2022. DOI: 10.21680/1517-7874.2022v24n1ID26319. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/26319>. Acesso em: 27 nov. 2025.

PEREIRA, G. C. et al. Uma Abordagem Sobre A Masculinidade Tóxica em uma escola do Bairro da Terra-Firme em Belém/PA. **Revista PET Interdisciplinar Conexões de Saberes**, v. 4, n. 1, p. 57-63, 2020.

PEREIRA, M. V. N.; BALISCEI, J. P. Que é (e o que não é) ser homem? Masculinidade tóxica, cultura visual e educação para e sobre crianças. **GÊNERO: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pos Graduação e Inovação-UFF**, 2024.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, G. S; KIBUUKA, B. G. L. Masculinidade Tóxica e Saúde Mental na tragédia “Héracles” de Eurípides. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 26, 2022.

SIQUEIRA, D. P.; VIEIRA, A. E. S. F. Algoritmos preditivos, bolhas sociais e câmaras de eco virtuais na cultura do cancelamento e os riscos aos direitos de personalidade e à liberdade humana. **Revista Opinião Jurídica**, v. 20, n. 35, p. 162-188, 2022.

SOUKI, N. H. **Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.